

A ASCENSÃO FEMININA EM *NIKETCHE*

Eloísa Porto Corrêa
- (UERJ/ USS)

Resumo:

A personagem feminina central inicia a narrativa abatida e carente, o que a lança numa demanda totalmente diferente daquela empreendida pela Figura masculina central. Se Tony dedica seu tempo a uma egocêntrica e destrutiva busca carnal e material (sexo e poder), Rami buscará inteireza, o Preenchimento de seus vácuos: saber, emoção e companheirismo. A primeira viagem iniciada por Rami em busca da inteireza será para dentro de si mesma, através da reflexão, da busca do auto-conhecimento, da análise de seus próprios dramas em diálogo com o espelho. Essa auto-investigação acaba se projetando para fora, lançando a narradora-personagem na difícil tarefa de entender o feminino.

PALAVRAS-CHAVE:

Nikette, Paulina Chiziane, Literatura Moçambicana, espelho, feminino, *anima*.

1. Uma metade em demanda no interior do espelho: o salto psicológico

A clareza nas conceituações dos arquétipos do masculino contrasta com a obscuridade ainda existente em relação aos estudos dos arquétipos do feminino, há muito reprimidos e soterrados no inconsciente, como atesta Dulcinéia da M. R. Monteiro (1998), no livro *Mulher: Feminino Plural*:

O significado da *Prostituta Sagrada* escapa a nossa compreensão, tão desconectados que estamos com a imagem da deusa ou da dinâmica arquetípica que representa a plenitude de nossas potencialidades, da natureza vital e sagrada do feminino. Resgatar essa imagem da deusa é ativar o arquétipo feminino, i.e., as energias cósmicas do amor que trazem deleite físico e êxtase espiritual, (...) (MONTEIRO, 1993: 49)

E é esta compreensão que Rami busca, intuitivamente, desde o início da narrativa, quando, em suas digressões a respeito de Deus, questiona-se sobre a existência da “Deusa-Mãe”, protetora das mulheres, outro arquétipo do feminino, ao lado da “Prostituta Sagrada”.

(...) as mulheres são órfãs. Têm pai, mas não tem mãe. Têm Deus, mas não têm Deusa. Estão sozinhas no mundo no meio do fogo. Ah, se nós tivéssemos uma deusa celestial! (NIKETCHE, 2002: 95)

E tu, meu Deus, nós te pedimos: Liberta a deusa – se é que ela existe – para mostrar o rosto só por um segundo. Ela deve estar cansada. (NIKETCHE, 2002: 96)

(...) Se ela (deusa) existisse teríamos a quem dirigir nossas preces e diríamos: Madre nossa que estais no céu, santificado seja o vosso nome. Venha a nós o vosso reino – das mulheres, claro –, venha a nós a tua benevolência, não queremos mais violência. Sejam ouvidos nossos apelos assim na terra como no céu. A paz nossa de cada dia nos daí hoje e perdoai as nossas ofensas – fofocas, má-língua, bisbilhotices, vaidade, inveja – assim como

nós perdoamos a tirania, traição, imoralidades, bebedeiras, insultos dos nossos maridos, amantes, namorados, companheiros e outras relações que nem eu sei nomear... Não nos deixeis cair na tentação de imitar as loucuras deles – beber, maltratar, roubar, expulsar, casar e divorciar, violar, escravizar, comprar, usar, abusar e nem nos deixeis morrer nas mãos desses tiranos – mas livrai-nos do mal, Amém. Uma mãe celestial nos dava muito jeito, sem dúvida alguma. (NIKETCHE, 2002: 70)

Assim como os arquétipos masculinos, também os femininos possibilitam uma manifestação trina (pleno, pólo ativo ou pólo passivo): Deusa-Mãe (plena, castradora ou abnegada), Prostituta-Sagrada (plena, profana ou penitente), Sacerdotisa (plena - portadora do conhecimento, da cura, da intuição -, bruxa ou fada), entre outros.

As dinâmicas femininas quando soterradas e reprimidas vão se tornar inconscientes, sombrias e negativas. Tais dinâmicas, que poderão tornar-se tão imperiosas, que segundo Moore e Gillette devem ser denominadas de síndromes, são dois tipos: de usurpação – tirania e poder – e de abdicação – fraqueza ao projetar o próprio potencial no outro. (...) (MONTEIRO, 1993: 33)

É evidente também que, mesmo estes arquétipos femininos que já foram escavados do inconsciente humano, nas sociedades patriarcais (dominantes e predominantes no mundo) vêm sendo deformados e desviados para seus pólos passivos.

(...) O patriarcado, segundo Moore e Gillette (1994), inegavelmente é opressivo, tende a explorar, roubando do homem a masculinidade madura e da mulher muitos de seus atributos. (...) (MONTEIRO, 1993: 51)

Como exemplos, no mundo cristão, Dulcinéia Monteiro (MONTEIRO, 1993: 56) cita: Maria Madalena, pólo passivo da Prostituta-Sagrada, e a Virgem Maria, pólo passivo da Deusa-Mãe.

Rami, como moçambicana aculturada, cristã, apresenta-se em princípio na sombra passiva de todos os arquétipos femininos, como a maioria das mulheres da narrativa. Esposa e Mãe que se anula e resigna. Fêmea maltratada e reprimida sexualmente. Cognição e intuição adormecidas e esquecidas.

Entretanto, “a sombra é um contra-ego, um complexo autônomo que sempre anseia por reintegração” (MONTEIRO, 1993: 33). Com isso, Rami não continuará até o fim da narrativa no pólo passivo, mas, pelo contrário, conquistará palmo a palmo sua plenitude feminina, como também desenvolverá seu *animus* interior, tão necessário para a integralidade, a integridade e o equilíbrio da mulher.

Masculino e feminino são diferenciações complementares. Do encontro desses dois princípios a criatividade é gerada. Um ritmo harmonioso e natural nos sintoniza com o correr da vida, buscando a totalidade em cada um de nós. Há um conflito e uma sedução recíproca entre essas polaridades. Assim, em nossa alquimia interna, o mercúrio – força feminina – encontra o enxofre – força masculina – gerando o ser mais pleno. (...) (MONTEIRO, 1993: 26)

A Deusa-Mãe, “fonte de vida e renovação, guardiã da interioridade humana e da criação, é uma realidade psíquica, um núcleo de irradiação, independente de sua realidade histórica”. Expressa “beleza, sabedoria instintiva e capacidade de conectar emoções e sentimentos”, por isso é associada “à natureza, à primavera e à Lua”, que traz “abundância com seus ciclos”, mas também “alternância”, ora “com períodos reluzentes de crescimento e expansão” ora com “períodos sombrios”. Assim, enquanto o “macho é ligado ao trabalho” (*Logos*) e representado pelo “Sol, fonte de calor e luz”, a fêmea é representada pela “Lua, fonte de umidade e luz doce e terna”, mas “inconstante” (*Eros*). (MONTEIRO, 1993: 43-44).

Rami apresenta-se, em princípio, como a mãe e a esposa abnegada, sacrificada, capaz de suportar e submeter-se a uma espécie de morte psicológica e física por amor (ao Tony, aos filhos, aos pais, etc...).

O Betinho vem correndo como uma bala, esconde-se no quarto e aguarda o castigo. Persigo-o. já tenho o fim-de-semana estragado, o meu domingo invadido pela desgraça. Preciso de gritar para vomitar esse fel. (...)

- Betinho!

Não consigo gritar. No rosto do Betinho, às lágrimas brilham como o luar. A tristeza do Betinho é a inocência a transbordar. O choro do Betinho é tão doce como um passarinho a piar. O seu tremor abana o meu corpo todo como um arbusto baloiçando as flores na leveza do vento. (...)

- Ah, Betinho, o que fizeste de mim?

- Castiga-me, mãe.

A voz do Betinho baloiça nos meus ouvidos como o sibilar doce dos pinheiros e dilui a minha raiva em piedade. Lindo filho, este meu. (...) Fico enternecida. Encantada. A zanga se desfaz. Sinto orgulho de mãe. (NIKETCHE, 2002: 12-13)

- Tony, o que se passa?

- Vou para onde posso dormir em paz.

Queria rogar para ficar. Pedir perdão por lhe ter ofendido na sua liberdade. Consegui abrir a boca e soltar um ruído de pato. Não fui a tempo. Sai de casa em corrida, entra no carro e desaparece na noite. (NIKETCHE, 2002: 32)

Maternalmente acolhedora, demonstra-se fonte infinita de amor, de caridade, capaz de comover-se com os dramas dos outros e, ao mesmo tempo, emocioná-los. Capaz de converter rivais em irmãs:

Olho bem para a minha rival. Na imagem desta mulher a morte do meu amor, a causa da minha dor. (...)

Primeiro round: Explosões de raiva correm como tempestades. Lanço sobre ela todas as palavras injuriosas desse mundo (...) *Segundo round:* Lanço uma bofetada à minha rival. (...) *Terceiro Round* Defendo-me bem, tiro-lhe a peruca (...) *Quarto round;* Sinto que estou a perder o combate. (...) *Quinto round:* Socorro, esta mulher me mata! (...) *Sexto round:* Fui à guerra e perdi o combate. Desmaio. (...)

Tenho pena de Julieta, que treme em violentas convulsões ao ritmo do choro. Abraço-a. conheço a amargura deste choro e o calor deste fogo. Emociono-me. Solidarizo-me.

(...) Depois embalo-a. sofro com ela. Coitada, ela é mais uma vítima do que uma rival. Foi caçada e traída como eu.

- Estamos juntas nesta tragédia. Eu, tu, todas as mulheres. (...) (NIKETCHE, 2002: 22-26)

- Como pode dizer que me admira?

- Sei muitas coisas a teu respeito. Admiro a tua coragem. És um caso raro. Eu acho que todas as mulheres deviam unir-se contra a tirania dos homens. (...) No lugar de fazer a guerra estás aqui ao lado da tua rival. (...)

- Tu não substituis tirania por tirania, (...) (NIKETCHE, 2002: 87)

- Somos amigas – diz a Lu com os olhos marejados de lágrimas – para sempre. (...)

- Que pena! – a Ju fala entre lágrimas. – nós as cinco conseguíamos moldar esse barro, que se tornava numa escultura sólida em cada dia. Vais retirar as tuas mãos. O que será doe nós sozinhas? (NIKETCHE, 2002: 171)

Entretanto, sem perder sua infinita capacidade de dar, desenvolve sua necessidade de receber, essencial à plenitude da mulher, já que não apenas de amor ao próximo se constrói um ser sentimentalmente pleno, mas também de amor próprio.

- Choraste por mim como uma criança. Chamaste por mim, e a Lu convenceu-me a vir. (...)

- Tu eras toda um sinal, vi logo pelo teu olhar. Eras a perfeita imagem de uma flor ressequida no deserto. A tua forma de sentar, o teu sorriso, os teus gestos eram a verdadeira imagem da carência de afecto. Não é justo o que o teu marido faz contigo. (...) (NIKETCHE, 2002: 87)

Busca afirmar-se através das outras esposas, construindo um lar coeso para si e tentando ancorar Tony. Acaba conseguindo amor, amizade, companheirismo nas suas irmãs/rivais e voltando-se contra o Tony.

De repente senti-me feliz. Realizada. Era bom dirigir aquele encontro, para mim que nunca tinha dirigido nada na vida. Sentia-me primeira esposa, esposa grande, a mulher antiga, a rainha de todas as outras mulheres, verdadeira primeira dama. (...) (NIKETCHE, 2002: 106)

Poligamia é uma rede de pesca lançada ao mar. Para pescar mulheres de todos os tipos. Já fui pescada. As minhas rivais, minhas irmãs, todas, já fomos pescadas. Afiar os dentes, roer a rede e fugir, ou retirar a rede e pescar o pescador? Qual a melhor solução?. (NIKETCHE, 2002: 93)

Encarna a própria Mãe-Lua, inconstante, com suas faces crescentes e decrescentes, suas fases luminosas e cheias de bons sentimentos e suas fases carentes, negras.

Preciso de um pedaço de terra. Mas onde está a minha terra? (...) A minha alma é a

minha morada. Mas onde vive a minha alma? Uma mulher sozinha é um grão de poeira, que o vento varre para cá e para lá, na purificação do mundo. Uma sombra sem sol, nem solo, nem nome. (NIKETCHE, 2002: 92)

“As Prostitutas-Sagradas, nos primórdios”, segundo Dulcinéia da Mata R. Monteiro (1993: 17-46), “eram mulheres mensageiras da deusa do amor e da renovação da vida” (Oxum, Inana, Afrodite, Deméter, entre muitas outras de diferentes localidades e culturas), “espécie de sacerdotisas que nos templos ensinavam aos homens a arte de fazer amor, uma iniciação sagrada”. O arquétipo da prostituta sagrada quando manifestado em sua plenitude apresenta uma “natureza instintiva, erótica e dinâmica do feminino”.

O machismo e a repressão ao prazer feminino podem deturpar este arquétipo, transformando essa sexualidade instintiva e natural em compulsão depravada (pólo ativo) ou em incapacidade sexual (pólo passivo), frigidez, que transforma o sexo em penitência para procriação.

(...) A igreja e os sistemas gritam heresias contra essas práticas, para destruir um saber que nem eles tinham. (...) Fui atirada no casamento sem preparação nenhuma. Revolto-me. Andei a aprender coisas que não servem para nada. (...) Aprendi todas aquelas coisas das damas européias, como cozinhar bolinhos de anjos, bordar, boas maneiras, tudo coisas de sala. Do quarto, nada! A famosa educação sexual resumia-se ao estudo do aparelho reprodutor, ciclo disto e daquilo. Sobre a vida a dois nada! Os livros escritos por padres invocam Deus em todas as posições. Sobre a vida a dois

nada! (...) Por que é que a Igreja proibiu estas práticas tão vitais para a harmonia de um lar? (...) Fala-se de amor e aponta-se logo o coração e nada mais. Mas o amor é coração, corpo, alma, sonho e esperança. O amor é o universo inteiro e por isso nem a anatomia e nem a cardiologia conseguiram ainda indicar o lado onde fica o amor. (NIKETCHE, 2002: 46-47)

Rami consegue gradativamente livrar-se da repressão sexual (pólo passivo) que sua criação cristã lhe legou, através da re-ligação crescente com a tradição moçambicana: informações sobre hábitos e rituais de iniciação feminina e masculina, sobre a poligamia, assistentes conjugais, etc..., que ela busca com conselheiras (professoras) conjugais, magos, com suas rivais e até com amantes:

Principiei em minhas aulas, quinze, no total. Fui até às aulas mais secretas, sobre temas de que não se pode falar. Enquanto noutras partes de África se faz a famosa excisão feminina, aqui os genitais se alongam. Nesses lugares o prazer é reprimido, aqui é estimulado. A minha professora diz que a preparação para o amor não tem idade e eu acredito.

Estas aulas são os meus ritos de iniciação. (...)

Nestes dias aprendi coisas interessantes. Muito interessantes. Coisas que nem se podem falar de mulher para mulher, mas só entre discípulos da academia de amor. (...) Não sei como e quando irei aplicar todos esses conhecimentos. Vou confessar-vos um segredo: apetece-me procurar alguém, para experimentar tudo o que

aprendi. Neste casamento velho e gasto, o Tony está farto de me conhecer. (...) (NIKETCHE, 2002: 46-48)

Despedi-me deste amigo. Trocamos um beijo de leve para selar o pacto. Desperto para a realidade. O que aconteceu não foi produto do álcool. Nem acidente. Foi uma atracção fatal, amor à primeira vista. Ele lança-me um olhar firme e eu baixo os olhos a esconder um sentimento louco que me invade, que nem eu mesma sei interpretar. (...) Excelente amante polígono, distribuindo-nos amor roubado, (...) A minha consciência censurava-me, mas o meu corpo estava lá à hora marcada, absolutamente dependente daqueles encontros secretos (...) (NIKETCHE, 2002: 90-91)

Kutchinga é lavar o nojo com beijos de mel. (...) De repente me vem uma pergunta louca: existirá alguma mulher que, no acto de kutchinga, gemesse de prazer? Mas nem tudo é mau. No meio desta desgraça, há uma coisa boa. (NIKETCHE, 2002: 211-212)

(...) Olho para o Levy com olhos gulosos. Ele será o meu purificador sexual, a decisão já foi tomada e ele acatou com prazer. (...) Dançar Niketche só para ele, (...) Vou pedir a Mauá para me iniciar nos passos desta dança, ah, que o tempo demora a passar! Deus queira que o Tony só regresses a casa depois deste acto consumado. (NIKETCHE, 2002: 220)

Rami, enquanto governada por sua educação cristã e por seu marido repressores, permaneceu confortável e convenientemente coberta pelo véu da ingenuidade, da ignorância. No entanto, quando libertou sua intuição, sua vontade de saber, de aprender, de buscar, sua inquietude feminina, ela se volta para o desvendamento da interioridade (do cerne) das coisas, dos seres, dos fatos, etc..., diferentemente da inquietude masculina superficial. É a libertação de Sacerdotisa interior de Rami, outro dos arquétipos do feminino.

As Sacerdotisas eram as portadoras e as guardiãs do conhecimento, da intuição, da cura, do cuidado... Potenciais femininos estes extremamente reprimidos, perseguidos e eliminados pelo Cristianismo e também por outros patriarcados. Enquanto o pólo ativo sombrio da Sacerdotisa deixa o poder e o favorecimento governar seus conhecimentos, o pólo passivo – a inocente – ignora tanto os saberes em si quanto os seus próprios potenciais e recursos para adquiri-los, ou ainda, prefere manter-se na alienação e no alheamento.

Assim, percebe-se que foi a Sacerdotisa o primeiro dos arquétipos a se projetar para fora de Rami em face do espelho, possibilitando a libertação dos demais, bem como a neutralização dos paradigmas sociais tão castradores e mantenedores do *status quo*.

Vou ao espelho tentar descobrir o que há de errado em mim. (...) Olho bem para a minha imagem triste. Com essa máscara de tristeza pareço um fantasma, (...) Canto e choro. (...) Ah, mas como me liberta esse choro!

Paro de chorar e volto ao espelho. (...) É o rosto de uma mulher feliz. Os lábios se refletem com uma mensagem de felicidade (...) enlouqueci. Penso em fugir daquela imagem (...)

- Quem és tu? – pergunto eu.

- (...) Estou diante do meu espelho. Que fazes tu aí?

- Estás cega, gémia minha. Por que choras tu?

Solto da boca uma enxurrada de lamentos. Conto toda a tristeza e digo que as mulheres deste mundo me roubaram o marido.

- Pode-se roubar uma pessoa viva, ainda por cima um comandante de polícia?

(...)

- Por que danças tu, espelho meu?

- Celebro o amor e a vida. Danço sobre a vida e a morte. Danço sobre a tristeza e a solidão. Piso para o fundo da terra todos os males que me torturam. (...)

Tento, com a minha mão, segurar a mão da minha companheira, para ir com ela na dança. Ela também me oferece a mão, mas não me consegue levar. (...) Aquela força interior me faz lembrar a força que tive e perdi. Esta imagem não sou eu, mas aquilo que fui e queria voltar a ser. (...)

(...) Ah, meu espelho confidente. Ah, meu espelho estranho. Espelho revelador. Vivemos juntos desde que casei. Por que só hoje me revelas o teu poder? (NIKETCHE, 2002: 16-19)

Foi a Sacerdotisa interior de Rami quem a impulsionou à busca do conhecimento e do auto-conhecimento, que gradativamente a

foram libertando, fortalecendo e conscientizando de suas potencialidades, de seu estado de opressão, etc...

Além desses potenciais femininos, desses arquétipos escavados por Rami de dentro de si mesma (reflexo e reflexão no espelho) e de dentro de seus alteregos femininos (amantes do Tony, tia Maria, mãe, entre outras mulheres, com cujas histórias aprende), o potencial inversamente proporcional, o masculino, seu *animus*, também é desenterrado de dentro de si própria e colocado para trabalhar a favor do feminino. Isso mesmo, além da Deus-Mãe, da Prostituta-Sagrada e da Sacerdotisa, também o Rei e o Guerreiro internos em Rami conseguem libertar-se de suas masmorras inconscientes para batalhar pelos direitos, pelas vozes e pelas ações do feminino reprimido.

Eu não desisto desta **luta**. Ao meu Tony eu irei perseguir até aos confins da eternidade. Vou perseguir-lo até a morada do tempo. Um dia hei-de reencontrá-lo, eu juro. Hei-de apanhá-lo nem que seja o último acto. (NIKETCHE, 2002: 71, grifos nossos)

De repente senti-me feliz. Realizada. Era bom dirigir aquele encontro, para mim que nunca tinha dirigido nada na vida. Sentia-me primeira esposa, esposa grande, a mulher antiga, a **rainha** de todas as outras mulheres, verdadeira primeira dama. (...) (NIKETCHE, 2002: 106, grifos nossos)

Mesmo não tornando-se destrutiva como o masculino, para não ser devorada por ele, para não ser anulada, Rami precisa saber usar as armas do oponente, contra quem luta.

(...) A vida inteira consumi-a sofrendo pancada e fugindo de pancada. É a primeira vez que levanto a mão contra um homem, logo um homem de leis, o que me dá prazer

redobrado. Que bom! (NIKETCHE, 2002: 170)

Mas é uma guerreira também que luta para não se deixar contaminar pelas mesmas corrupções masculinas, para não se tornar uma tirana. Seu lado masculino complementa e fortalece o feminino e não o segmenta ainda mais.

(...) Não nos deixeis cair na tentação de imitar as loucuras deles – beber, maltratar, roubar, expulsar, casar e divorciar, violar, escravizar, comprar, usar, abusar e nem nos deixeis morrer nas mãos desses tiranos – mas livrai-nos do mal, Amém. Uma mãe celestial nos dava muito jeito, sem dúvida alguma. (NIKETCHE, 2002: 70)

É justamente a afirmação da pluralidade, das diferenças, sem pretensões igualitárias hipócritas ou radicais, que combate a hierarquização discriminatória e opressiva de uns em detrimento dos outros ou vice-versa: “caminhamos da demanda da igualdade para a afirmação da diferença sem hierarquias”. (MONTEIRO, 1993: 67)

Assim, Rami caminha do estado de dormência, ingenuidade e ignorância aos seus próprios potenciais arquetípicos ou do pólo passivo da sombra dos arquétipos, para um crescente auto-conhecimento e amadurecimento da sua *anima* e também do seu *animus* interno, que a aproximarão cada vez mais da plenitude do seu ser.

2. As fases de Rami (Lua) e seu polígono feminino: o salto social

A viagem ao interior de si mesma, que conduz à busca de compreensão do feminino, acaba arremessando Rami para fora, para a sociedade, para um inconsciente coletivo que une todas as mulheres em volta da mesma opressão masculina, que desagrega e destrói não

apenas o feminino, mas o planeta e, até, o universo, com sua tendência conquistadora belicosa e egoísta.

(...) Mães, mulheres. Invisíveis, mas presentes. Sopro de silêncio que dá a luz ao mundo. Estrelas brilhando no céu, ofuscadas por nuvens malditas. Almas sofrendo na sombra do céu. O baú lacrado, escondido neste velho coração, hoje abriu-se um pouco, para revelar o canto das gerações. Mulheres de ontem, de hoje e de amanhã, cantando numa sinfonia, sem esperança de mudanças. (NIKETCHE, 2002: 103)

Na narrativa, o segredo para o urgente resgate e fortalecimento do feminino nesse mundo masculino caótico (cada vez mais à beira do abismo da destruição), caminha do nível micro, individual, para o macro, social. Do auto-conhecimento e da busca interior para o altruísmo feminino de Rami, a união e a colaboração mútua entre as mulheres em prol da promoção social do feminino. Assim, a trajetória externa de Rami é marcada por uma alteridade feminina afetuosa e construtiva, que contrasta com a trajetória egoísta e destrutiva de Tony.

Alteridade esta que faz a narradora-personagem se identificar com todo o *alter* feminino, tornando-os todos continuações do ego ou desdobramentos de si mesma. Logo, as outras mulheres relatadas na narrativa resumirem-se, no fim das contas, a alteregos de Rami: “Meu Deus, ela não mente. Ela é meu espelho revelando de forma cruel o meu retrato de submissa.” (NIKETCHE, 2002: 249)

Enquanto o homem, o princípio ativo, é equiparado ao Sol, o princípio receptivo, a mulher, é simbolizado pela “Lua, que rege o fluxo das águas, os ciclos menstruais e gestacionais”, logo rege a

mulher (CHEVALIER & GHEERBRANT, 2001: 561-566). Assim, se a trajetória masculina, em sua busca de sexo e poder, foi pautada nas estações do ano – regidas pelas movimentações do Sol, símbolo masculino na narrativa, como na sociedade moçambicana e no resto do mundo –, a trajetória feminina será analisada em paralelo com as fases lunares, negras e luminosas: minguante e nova, crescente e cheia.

Desperto na vã esperança de receber uma
mão cheia de carinho, mas o sol deixou-me
e partiu. O meu amor é fugidio como a
sombra do sol. Sou uma mulher derrotada,
tenho as asas quebradas. Derrotada? (...)
(NIKETCHE, 2002: 20)

Rami inicia a narrativa no quarto minguante: abandonada, atarefada, desamparada, solitária, carente e desesperançada. Cada vez mais obscurecida pela sombra, caminhando para a lua negra. Entretanto, assim como a Lua, que “durante três noites está como morta, mas depois reaparece e cresce em brilho” (CHEVALIER & GHEERBRANT, 2001: 561-566), também Rami inicia sua trajetória, em Niketche, a partir de uma aparente derrota psicológica e social sem volta, mas conseguirá afastar a sombra (dos arquétipos internos, dos paradigmas sociais e do masculino que a tolhem, etc...) e crescer em brilho (interior, econômico, afetivo, social, etc...).

(...) Derrotada? Não. Nunca combati.
Depus as armas muito antes de as
empunhar. Sempre me entreguei nas mãos
da vida. Do destino. Nunca mexi nenhum
dedo para que as coisas corressem de
acordo com os meus desejos. Mas será que
algum dia tive desejos? (NIKETCHE,
2002: 20)

A fase Negra de Rami é, no entanto, como ocorre com a Lua, a entrada em uma Nova rota de crescimento, um novo ciclo lunar, já que a Lua Nova é uma metade que cresce até a plenitude de brilho.

(...) A minha vida é um rio morto. No meu rio as águas pararam no tempo e aguardam que o destino traga a força do vento. No meu rio os antepassados não dançam batuques nas noites de lua. (...)

Meu Deus, ajuda-me a descobrir a alma e a força do meu rio. Para fazer as águas correr, os moinhos girar, a natureza vibrar. Para trazer ao meu leito a luz de todas as estrelas do firmamento (...)

Sou um rio. Os rios contornam os obstáculos. (...) (NIKETCHE, 2002: 20)

A chave para o quarto crescente de Rami-Lua Nova é a união das mulheres, que a resgatará da sombra e guiará a busca feminina para a gradativa completude de Lua Cheia.

(...) Somos cinco. Unamo-nos num feixe e formemos uma mão. Cada uma de nós será um dedo, e as grandes linhas da mão a vida, o coração, a sorte, o destino e o amor. Não estaremos tão desprotegidas e poderemos segurar o leme da vida e traçar o destino. (NIKETCHE, 2002: 107)

Esta união feminina constituirá um exército, integrado por mulheres de todas as partes do país, para lutar contra o poder opressor masculino: Tony e a sociedade machista. As cinco compõem um polígono em torno do polígamo, como uma estratégia guerrilheira para encurralar, enfraquecer e vencer um forte oponente, o macho:

O coração do meu Tony é uma constelação de cinco pontos. Um pentágono. Eu, Rami, a primeira, a rainha mãe. (...) O nosso lar é um polígono de seis pontos. É polígamo. Um hexágono amoroso. (NIKETCHE, 2002: 60)

O cinco, segundo Chevalier, é o número da união, do equilíbrio, da harmonia, que recairá sobre essas mulheres após seu pacto de ajuda mútua. Assim, enquanto uma mulher isolada era vulnerável, cinco mulheres somadas deixam de ser fracas. Uma fragilidade multiplicada por cinco é igual a uma grande força e um poder de ação maior ainda.

A ameaça que a mulher somada e multiplicada representará ao homem individual desencadeia o embate e a crise, que cada vez mais fragmentará o masculino e tornará mais coeso o feminino crescente:

- É desagradável ter que marcar audiências com as minhas próprias mulheres. (...) E pior de tudo, os meus filhos seguem o exemplo das mães, não me ligam. De tudo ter, acabei não tendo nada. As minhas esposas esvoaçam como pássaros numa gaiola aberta, espantado, essas mulheres a quem amordaçava as asas e afinal sabem voar. Ontem, vendedeiras de esquina, eram submissas e me adoravam. Hoje, empresárias, já não me respeitam. (NIKETCHE, 2002: 303)

A ajuda que uma dá à outra torna também cada mulher individualmente mais forte e independente. Em outras palavras, o polígono não se fortalece apenas na união, mas a união também fortalece cada uma. Tanto que ao fim da narrativa cada uma consegue tocar a vida

autônoma e independente (financeira e emocionalmente) do Tony e também das irmãs/rivais.

Vendemos a roupa usada durante seis meses. Criamos capital. A Lu e eu cada uma de nós abriu uma pequena loja (...)

Conseguimos ter um mínimo de segurança para comprar o pão, o sal e o sabão sem suportar a humilhação de estender a mão e pedir esmola. As minhas rivais andam encantadas, e têm remorsos da sova que um dia me deram, mas eu digo: não tem importância. Foram coisas daquele tempo. O que queriam vocês que acontecesse? (MONTEIRO, 1993: 122)

Enquanto o homem pensa só em si (seu prazer, seu enriquecimento, seu bem-estar, sua imagem), Rami e cada alterego seu pensa em si porque ganhou amor-próprio e deixou de negar suas necessidades, mas nem por isso se esquece da sua família e de seus amigos, das pessoas de quem gosta.

A marca da mulher em Niketche, sobretudo de Rami, idealizadora e principal empreendedora do projeto de crescimento feminino, é a pluralidade. Pluralidade interna, pois desenvolve seu *animus* (arquétipos do masculino que habitam o feminino), enquanto no masculino (Tony) a *anima* permanece adormecida (em coma profundo!). Pluralidade externa, porque consegue a plenitude através da união, do crescimento coletivo.

(...) em nossa individuação, quanto maior for a consciência dessas possibilidades arquetípicas, mais nos capacitamos a amar, a saber, a poder. Seremos donas e soberanas de nossas próprias vidas (...) maior será nossa capacidade de gerarmos

as ações libertárias de nossos desejos.
(MONTEIRO, 1993: 14)

Assim, Rami, através de seu exercício de alteridade, atinge e promove o crescimento individual e comunitário (ou social). Bola um projeto e o estende às outras mulheres, dividindo aflições, compartilhando questionamentos e discussões e democratizando soluções. Ela cresce, interior e exteriormente, de uma metade carente de complementação – meia lua, Lua Nova – para uma constelação feminina plena de luminosidade – várias Luas Cheias, várias mulheres completas. Ela cresce de uma mulher isolada para um polígono fortificado de mulheres estrategistas e guerrilheiras buscando um lugar melhor para a mulher no mundo, contra a opressão e a dominação masculina.

3. Conclusão:

A mulher luta não especificamente contra o homem, mas contra o lado masculino negativo, o *animus* disfuncional, que domina o mundo ficcional, fazendo com que a violência e o egoísmo imperem. Esse *animus* disfuncional dominante está destruindo cada vez mais o planeta e os entes que sobre ele vivem, não apenas a mulher, mas a natureza em geral e até o próprio homem, vítima de sua tirania e descuido, na narrativa.

A mulher, ou melhor, as energias positivas femininas, da *anima* plena, apresentam-se na narrativa como uma saída possível para o equilíbrio e para a construção de uma sociedade mais justa e equilibrada. Não através de uma inversão de postos e posições, em que a mulher passasse de dominado a dominador e o homem de dominador a dominado (não!), mas através de uma regulação e ajuste da sociedade, para que a hierarquização dos gêneros seja abolida.

O equilíbrio, pois, é a chave para a obtenção de uma sociedade mais justa. E não há equilíbrio se um dos pólos do sistema binário é anulado, seja ele o feminino ou o masculino. O equilíbrio só pode ser alcançado quando ambos os pólos estão ativados na mesma proporção e dosados, ou seja, com cargas e descargas iguais de energia. Se o masculino e o feminino são os dois pólos da sociedade, como pode haver equilíbrio nesse sistema social se o masculino está ativado em carga/descarga tão forte de energia que atinge a disfuncionalidade ativa? Enquanto isso, por outro lado, o feminino está tão desativado que sua carga/descarga é reprimida até a disfuncionalidade passiva.

Esse desequilíbrio social, portanto, reflete-se diretamente no ser, causando-lhe também um desequilíbrio interno. De forma que, o masculino tende mais à polarização ativa, ao passo que o feminino tende mais à passiva, justamente por causa do alargamento estrondoso dos canais àquele, em detrimento do estreitamento absurdo imposto a este. Ora, se cada ser possui internamente as duas polarizações: *anima e animus*, sendo a *anima* predominante no ser feminino e o *animus* no masculino, esses canais de carga e descarga de energia precisam ser regulados também no interior do ser. Isto para que o indivíduo atinja particularmente o equilíbrio.

Assim, o equilíbrio entre o feminino e o masculino é essencial não apenas para a harmonia social, mas também para a plenitude e a harmonia interior do indivíduo. Urge, portanto, o nivelamento e a maior democratização das forças da *anima* e do *animus*, para que a eliminação de hierarquias de gênero possibilite um maior proveito das energias positivas tanto do feminino, quanto do masculino. Nivelamento e democratização esses que não gerariam uma sociedade perfeita e nem seres perfeitos, porque as dosagens nunca seriam as ideais e exatas mas, certamente, caminhar-se-ia para uma convivên-

cia social menos desumana entre seres menos desumanos, enfim para uma desumanidade menor.

4. Referências Bibliográficas:

- ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de. *Masculino/Feminino: tensão insolúvel*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996. 148 p. (Gênero Plural)
- CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos*. 16.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001. 996 p.
- CHIZIANE, Paulina. *Nikette: uma história de poligamia*. Lisboa: Editorial Caminho S/A, 2002. 334 p.
- Editorial Mulheres e políticas no advento do milênio. Edição especial de 07/04/99. Artigos recolhidos por Maria José Artur. *Jornal Notícias de Moçambique*, Maputo, 7 de abril de 1999.
- Editorial Direitos da Mulher, Direitos Humanos. Edição especial nº 104. Artigos recolhidos por Maria José Artur. *Jornal Notícias de Moçambique*, Maputo, 7 de abril de 1998.
- Editorial do Dia da Mulher Moçambicana. Edição especial nº 99. Artigos recolhidos por Maria José Artur. *Jornal Notícias de Moçambique*, Maputo, 7 de abril de 1997.
- Editorial do Dia da Mulher Moçambicana. Edição especial nº 76. Artigos recolhidos por Maria José Artur. *Jornal Notícias de Moçambique*, Maputo, 7 de abril de 1996.
- JUDY, Dwight H. *Curando a alma masculina: o cristianismo e a jornada mítica*. Tradução de Maria Sílvia Mourão Netto. São Paulo: Paulus, 1998. 268 p. (Amor e Psique)
- LARAJEIRAS, Pires. Paulina Chiziane: Saudades do paraíso. In: *Jornal de Letras*. Lisboa, 15/10/2003.
- LEITE, Ana Mafalda. *Oralidades & Escritas nas Literaturas Africanas*. Lisboa: Edições Colibri, 1998. 153 p.
- LEMONS, Virgílio de. Mulheres pardas, azuladas ou roxas, ou do creolismo à volúpia, uma identidade que se busca na modernidade. In: *Ilha de Moçambique*. (org. por Matteo Angius e Mário Zamponi) Moçambique: AIEP Editore snc, 1999. 191 p.

- LOPES, José de Sousa Miguel. *Cultura acústica e cultura letrada: o sinuoso percurso da literatura em Moçambique*. São Paulo: *Anais da III Conferência de Pesquisa Sócio-cultural*, 2000.
- MANCELOS, João de. *Passos novos numa dança antiga: NIKETCHE – UMA HISTÓRIA DE POLIGAMIA, DE PAULINA CHIZIANE*. Biblioteca Municipal de Aveiro, 27/10/2002.
- METAMORFOSES nº 3. Rio de Janeiro/Lisboa: CJS-UFRJ/Editorial Caminho, 2002.
- MONTEIRO, Dulcinéia da Mata Ribeiro. *Mulher: feminino plural: mitologia, história e psicanálise*. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1998. 202 p.
- MOORE, Robert e GILLETTE, Douglas. *Rei, Guerreiro, Mago, Amante: a redescoberta dos arquétipos do masculino*. Tradução de Talita M. Rodrigues. Rio de Janeiro: Campus, 1993. 154 p.
- MURARO, Rose Marie & BOFF, Leonardo. *Feminino e masculino: uma nova consciência para o encontro da diferença*. Rio de Janeiro: Sextante, 2002. 287 p.
- PADILHA, Laura Cavalcante. *Entre voz e letra: lugar da ancestralidade na Ficção angolana do século XX*. Niterói: EDUFF, 1995.
- PAZ, Octávio. *A dupla chama: Amor e Erotismo*. Tradução de Wladimir Dupont. São Paulo: Siciliano, 1994.
- PESSANHA, José Américo Motta. História e ficção: o sono e a vigília. In: RIEDEL, Dirce Côrtes [org.] *Narrativa: ficção e história*. Colóquio UERJ. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1998. (Coleção Tempo e Saber)
- PRIORI, Mary Lucy Murray Del. A história do corpo e a Nova História: uma autópsia. In: Dossiê Nova História, *Revista USP*, Set-Nov, 1994. pp. 49-55
- SICUTERI, Roberto. *Lilith: a lua negra*. Tradução de Norma Telles. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. 211 p.